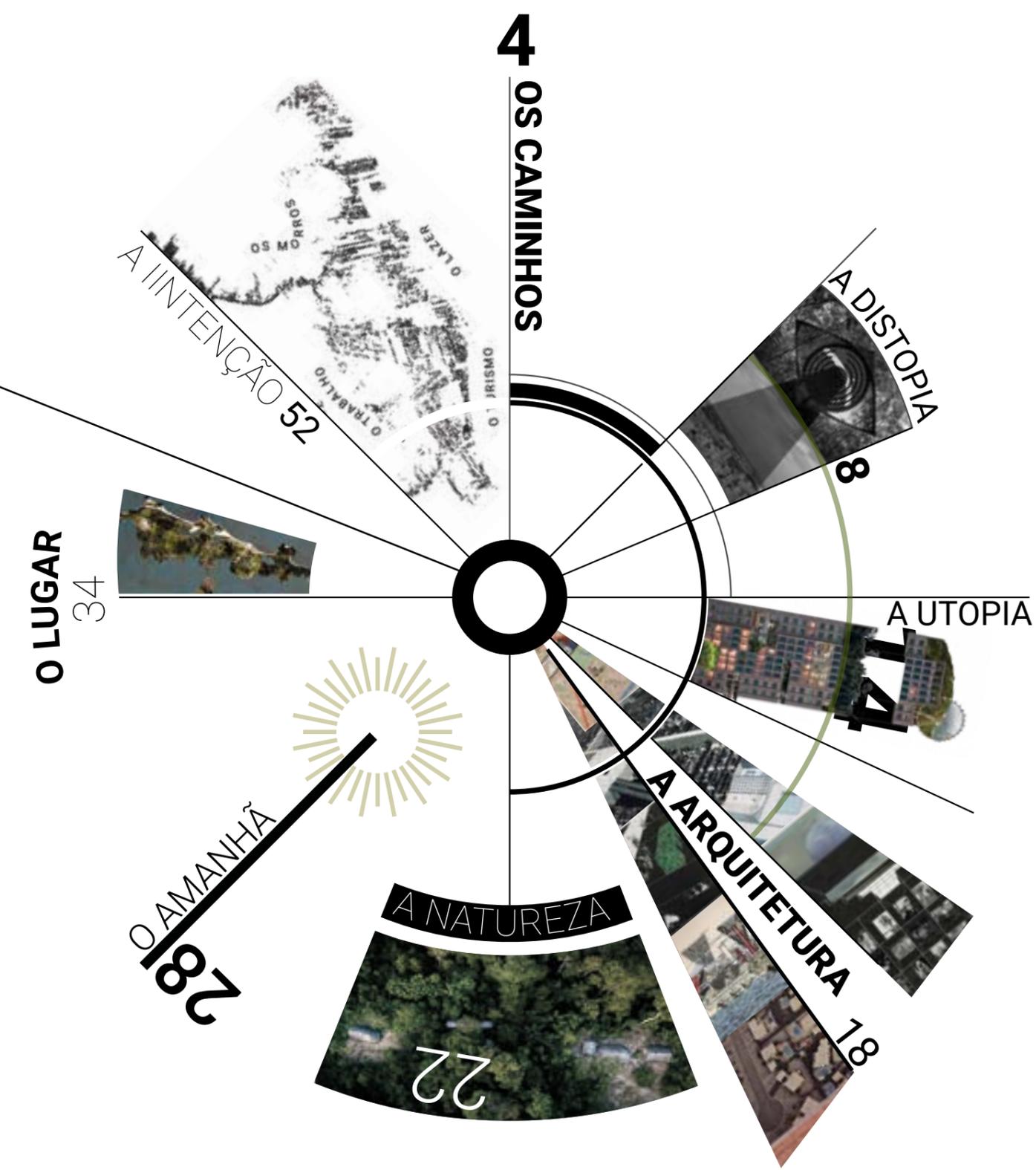


**QUANDO VAMOS
COMEÇAR O
ONTEM?**

unidade de vida articulada na Tapera

VOLUME I - Inquietações

quando vamos começar o ontem? parque ecológico na planície do Campeche



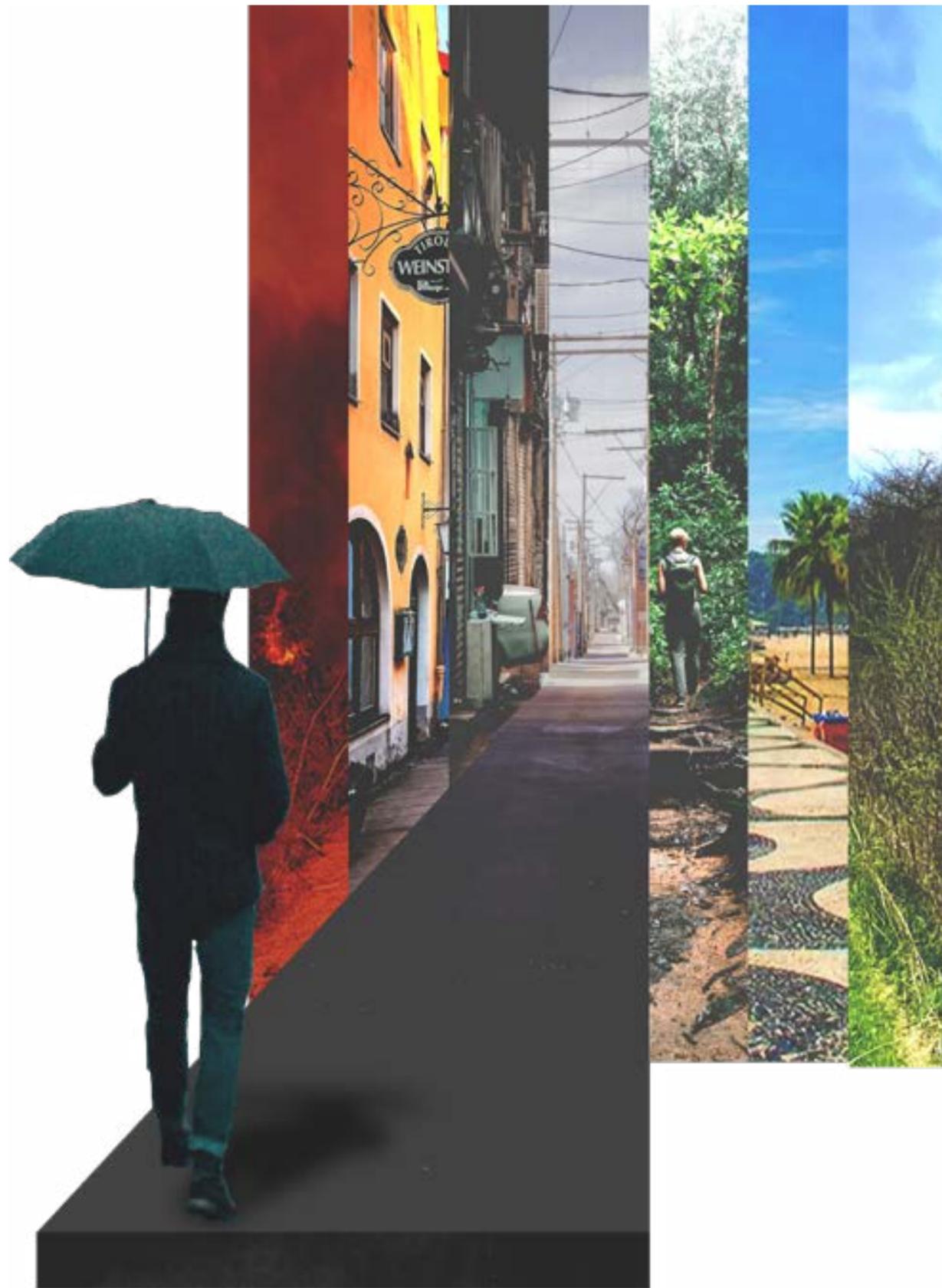
- 04** os caminhos
- 10** a distopia
- 14** a utopia
- 18** a arquitetura
- 22** a natureza
- 28** o amanhã
- 34** o lugar
- 52** a intenção

OS CAMINHOS

“Se aceitamos que a sociedade é construída e imaginada, também podemos creer que ela possa ser reconstruída e reimaginada”

- David Harvey

Vivemos condicionados a acreditar que o futuro, por mais que incerto, tem premissas a serem seguidas e que talvez estejamos fadados a sofrer as consequências inevitáveis por um acúmulo de decisões feitas pelos nossos antepassados. No entanto, há uma diversidade de caminhos os quais a sociedade ainda pode seguir, e por estes alternativos que venho a dedicar minhas ideias.



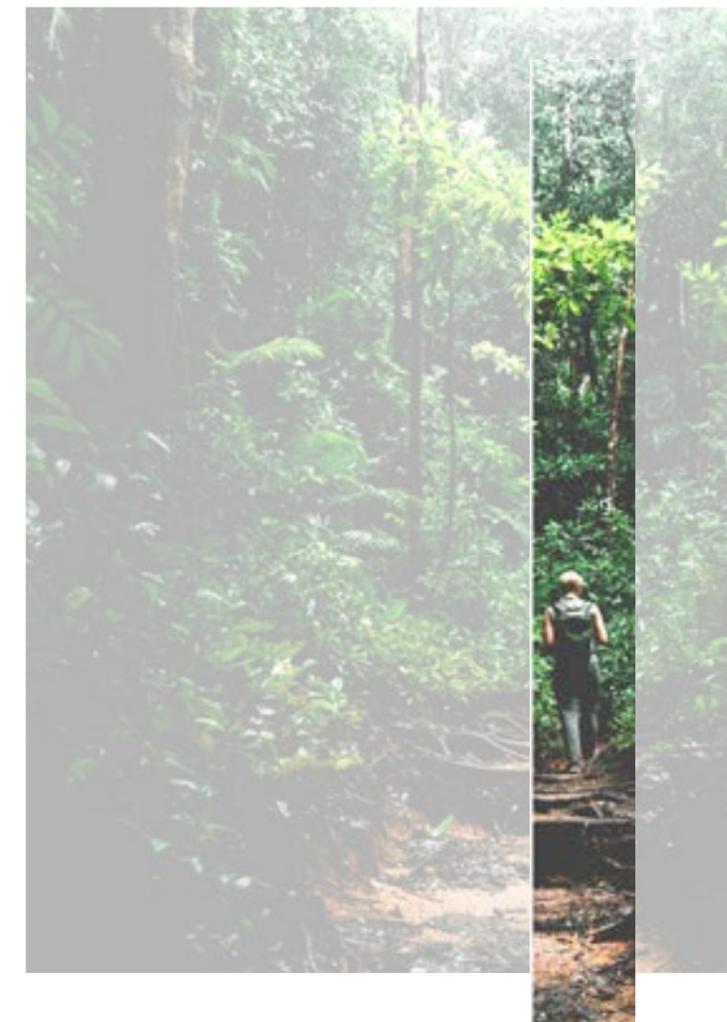
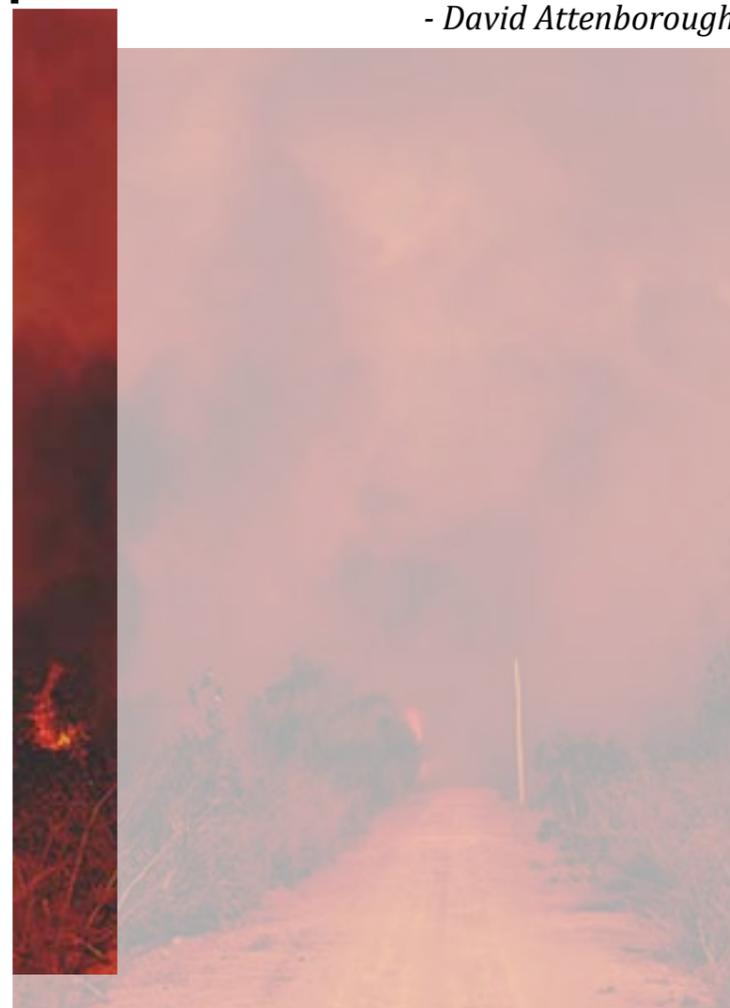
Já não é mais novidade a informação de que possuímos menos de 7% do que um dia foi a extensão da Mata Atlântica, ou dizer que de toda água no nosso planeta apenas 2,4% é potável, e seguimos utilizando cerca de 15,5mil litros de água para gerar 1 quilo de carne bovina. Estes são dados que venho ouvindo já há duas décadas desde de minhas primeiras lembranças do colégio, mas hoje, diante de um cenário cada vez mais catastrófico, fico me perguntando: quando vamos começar o ontem?

Este discurso não é novo, diversas alternativas foram e ainda estão sendo criadas e, inclusive, implementadas. Por mais que a passos muito lentos, é possível notar esse movimento que vem ganhando voz em meio ao turbilhão de informações que nos bombardeia cotidianamente.

Diferente dos meus pais, vejo que faço parte de uma geração que não almeja tanto a expansão e o acúmulo, mas sim valoriza mais o tempo e o espaço que

“nosso planeta tem recursos que são finitos, e explorá-los inconsequentemente tem seus limites. Qualquer ação que não possa ser feita por tempo indeterminado, é por definição insustentável.”

- David Attenborough



vivemos. Talvez nestes pequenos detalhes, degrau por degrau, bolha por bolha, possamos recriar e repensar a sociedade que estamos carregando.

Antes de começar a dar mais planos e ideias sobre o tema, já adianto dizendo que muito do que está neste trabalho não é novidade. Inclusive me atento a fazer praticamente o oposto, evidenciar que as soluções já são muito bem conhecidas e estão sendo validadas ao redor do mundo. É possível analisar desde modelos modernos e tecnológicos, desenvolvidos na atualidade, até mesmo as simbioses criadas pela natureza, como ferramentas de estudo para adaptar tudo à uma realidade específica.

Penso que a reflexão crítica sobre nossa maneira de habitar o planeta deve ser constante e refletir diretamente no nosso imaginário de utopia. Sabemos que um mundo com sociedades evoluídas, praticamente “perfeitas” e onde há a extinção completa de problemas e incoerências é impossível, mas podemos exercitar este pensamento a ponto de enfrentar e ir moldando esta utopia com a mesma constância que poderíamos moldar e recriar nosso entorno. A nossa geração precisa assumir o papel de arquitetos de nossa própria vida ao invés de reféns da realidade que habitamos.

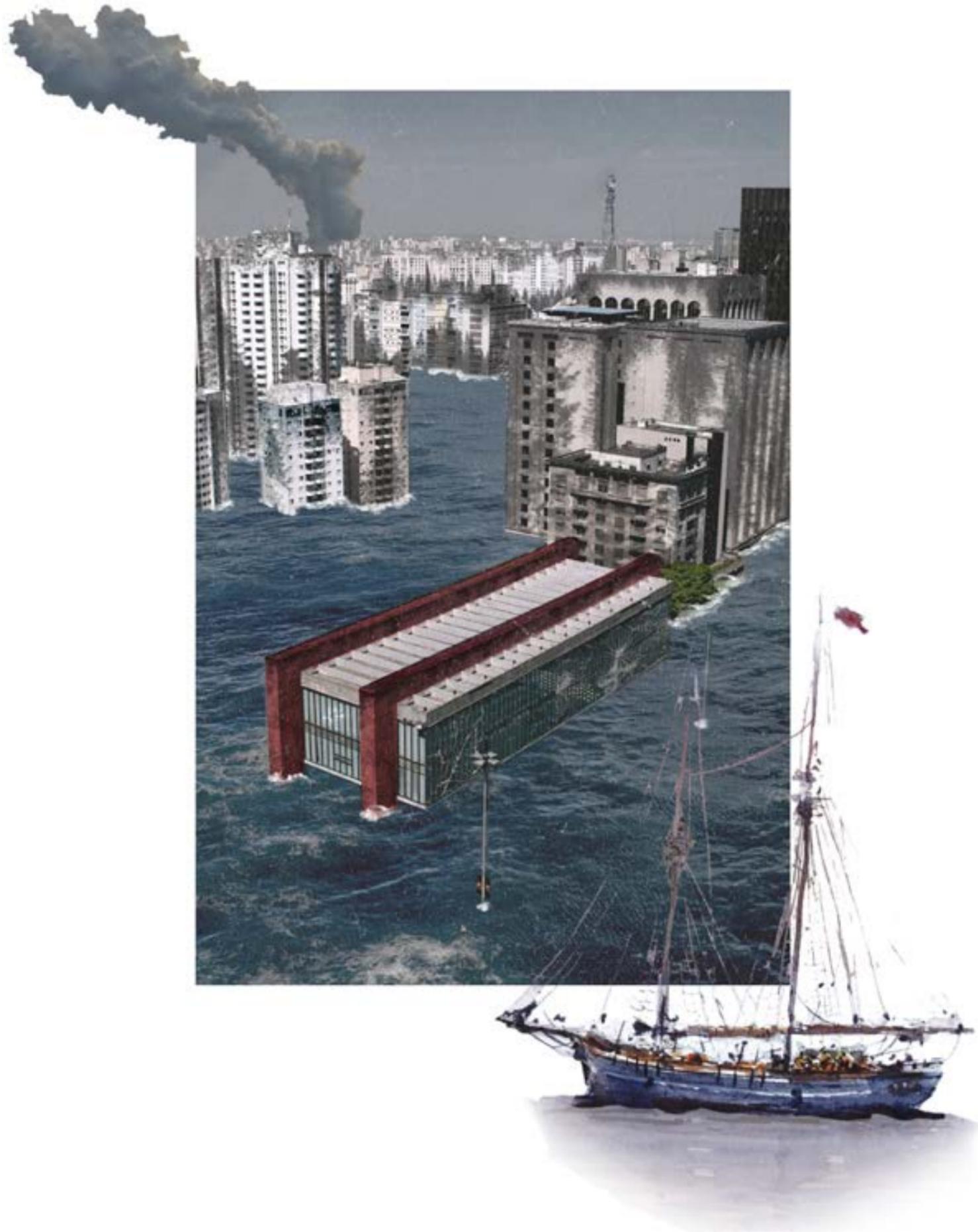
A DISTOPIA

“O que realmente determina se a história vai para um lado ou para outro são as pessoas que têm uma medida de poder usem-no com intenção.”

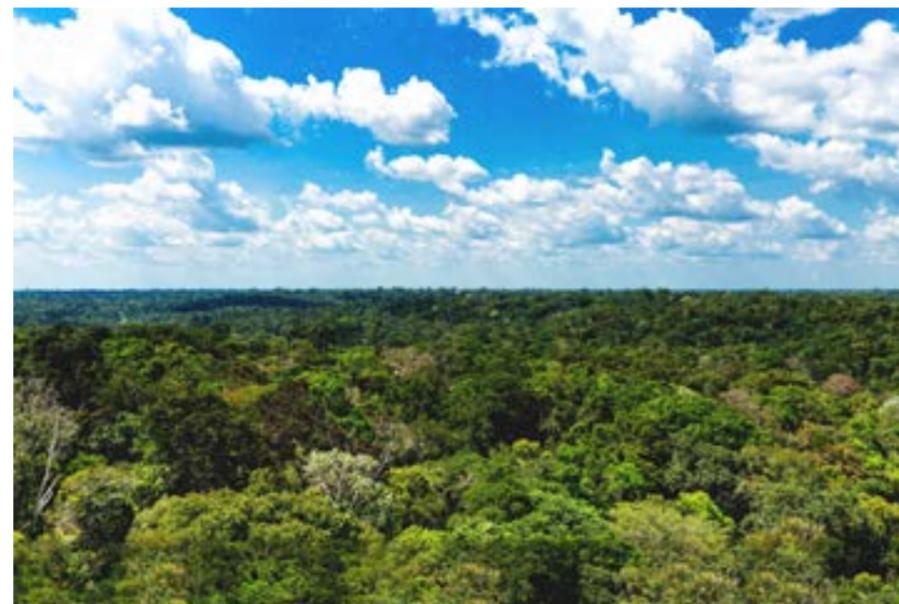
- Nanjala Nyabola

Com a reclusão e isolamento causados pela pandemia no ano de 2020, o início deste trabalho se deu em meio a um momento de extremo medo e incerteza sobre o futuro. Entre os acontecimentos nacionais e rotina diária foi possível observar semelhanças entre realidade e cenários distópicos.

1984 (de George Orwell), Conto de Aia (de Margaret Atwood), Admirável mundo novo (de Aldos Huxley) são algumas obras de ficção (entre diversas outras) que relatam uma sociedade caracterizada pela distopia, onde o autoritarismo, a opressão e a baixa qualidade de vida levam a sofrimentos desnecessários. Poderíamos nós estarmos nos direcionando para futuros previstos no começo do século passado?



Ao meu ver, as distopias não devem ser levadas como previsões, mas sim como forma de nos darmos conta sobre qual futuro realmente



queremos. Quem sabe não possamos olhar uma cidade como São Paulo, por exemplo, e sobrepor ideias de um futuro tecnológico de ficção, em oposição ao cenário pré-civilizatório, onde tudo ainda era floresta. Penso que talvez o futuro real possa estar entre essas imagens.

Durante o século XX a humanidade teve seu maior crescimento da história. Mesmo em meio a diversos avanços científicos, surgiu também os grandes problema que viemos a causar ao planeta.

Foram criados diversos tratados mundiais ao final desse século com o intuito de mitigar os impactos que estamos causando ao planeta, e com isso deveríamos tentar amenizar a necessidade de expandir e se tornar o ser dominante, além de desconstruir ideias antropocentristas que pautam todo o desenvolvimento da sociedade capitalista, mesmo que não tão conscientes.

Não adianta ignorarmos o fato de que somos frágeis e de que precisamos da natureza em equilíbrio para sobreviver. Foram criados, pouco a pouco, diversos pontos de estresse: ambiental, hídrico, climático, psicológico, financeiro. E o resumo é que, se quisermos sobreviver como espécie, dessa maneira, a conta não fecha.

É necessário introduzir um pensamento sistêmico, onde o todo só funciona se todas as partes estão funcionando, pois da forma que está, o todo foi posto em risco em função de não entendermos qual o valor de cada parte.

Em um panorama mais próximo de nossa realidade, no Brasil e América Latina como um todo, ainda temos a educação

de um povo colonizado, sempre seguindo decisões e estratégias de países mais desenvolvidos. Temos essa constante tendência de idolatrar outras cidades (principalmente europeias e estadunidenses), cujas características de cidades super densificadas e sem mais espaços para expansão territorial criam problemas que serão enfrentados, também, pelas nossas cidades. Por que não tentar uma aproximação diferentes a estes fatos? Faz sentido seguir um caminho que nos leva aos mesmos erros? As culturas pré-colombianas, por exemplo, são extremamente subestimadas e constantemente fagocitadas pela sociedade moderna. Ao mesmo tempo, estes povos viviam em total harmonia entre humanos e natureza. É possível que haja um meio termo onde possamos dar espaço para ideias “velhas” interferirem em uma nova política de sociedade.

Existem frestas de possibilidade por onde consigo ver algumas mudanças, mas em um discurso simplório pode até parecer que é necessária uma catástrofe global para unir os esforços. Pode ser que caiba à pequenos agentes, refletir e conscientizar suas esferas de vida sobre as prioridades e como atuar em uma mudança pontual, criando pequenos refúgios.



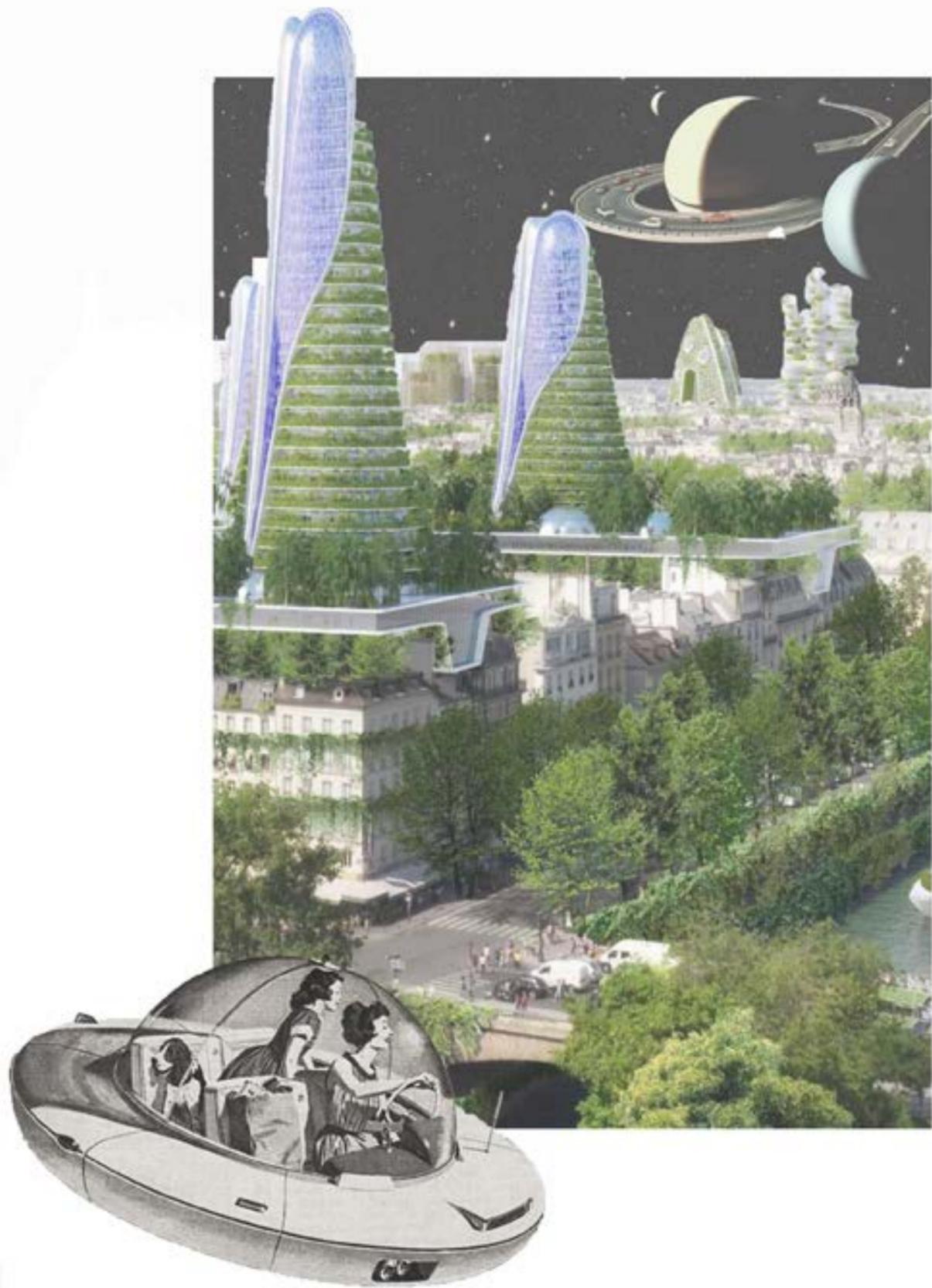
“Nunca duvide de que um pequeno grupo de cidadãos conscientes e comprometidos pode mudar o mundo; na verdade, é a única coisa que já conseguiu”

- Margatet Mead

O que significa para nós, sul americanos, periféricos, continuar mantendo as nossas buscas por soluções em padrões centenários europeus?... por que não tentar o inverso?

A UTOPIA

“Um mapa do mundo que não inclua a Utopia, não merece nem mesmo uma espiada” - Oscar Wilde





O termo utopia é muito usado para se referenciar a uma sociedade ideal, fundamentada em leis justas e em instituições político-econômicas verdadeiramente comprometidas com o bem-estar da sociedade. Porém, a origem da palavra é do grego, como um “não lugar” algo inalcançável, o que à primeira vista causa uma certa falta de esperança, como uma certeza que nunca poderemos ter tal sociedade baseada em fundamentos simples e funcionais.

Entretanto vejo a utopia como um excelente exercício de reflexão, almejando não um ponto de chegada, mas um processo de imaginação coletiva e crítica, talvez então se tornando não o contrário de distopia, mas sim o oposto da ignorância.

A Utopia pode ser um alicerce para o processo de evolução e a não aceitação da realidade como ela é, a certeza da mudança e de que no futuro, muito ainda é possível. Um simples questionamento de “por que não?”

Essa utopia coletiva da sociedade vem sofrendo muitas alterações no decorrer da história. Há algumas décadas atrás ainda víamos

um futuro tomado por máquinas e automatizações, de carros elétricos à robôs faxineiros. Isso ocorreu por um reflexo da segunda revolução industrial, mas foi com a virada do século que um futuro mais “verde” começou a ganhar maior espaço nas discussões. Como um bom exemplo disto, as propostas urbanas Paris em 2050 já incluem um aumento notável de arborização substituindo o moderno pano de vidro.

O Brasil ainda é um país conhecido por sua natureza, grandes áreas de florestas nativas e biomas únicos, - poderíamos então estar já à frente destas tendências europeias? O momento do país urge por uma reação que talvez já seja conhecida por muitos. Uma maneira de aliar a cidade com questões sustentáveis e com as outras vidas do planeta não só humanas. Não se trata somente de introduzir a vegetação na paisagem e criar parques e áreas verdes, mas sim uma mudança de hábitos e pensamentos cotidianos.

Essa mudança depende de muitas áreas do conhecimento, mas o campo da arquitetura em específico possui ferramentas que são fundamentais para auxiliar neste processo.



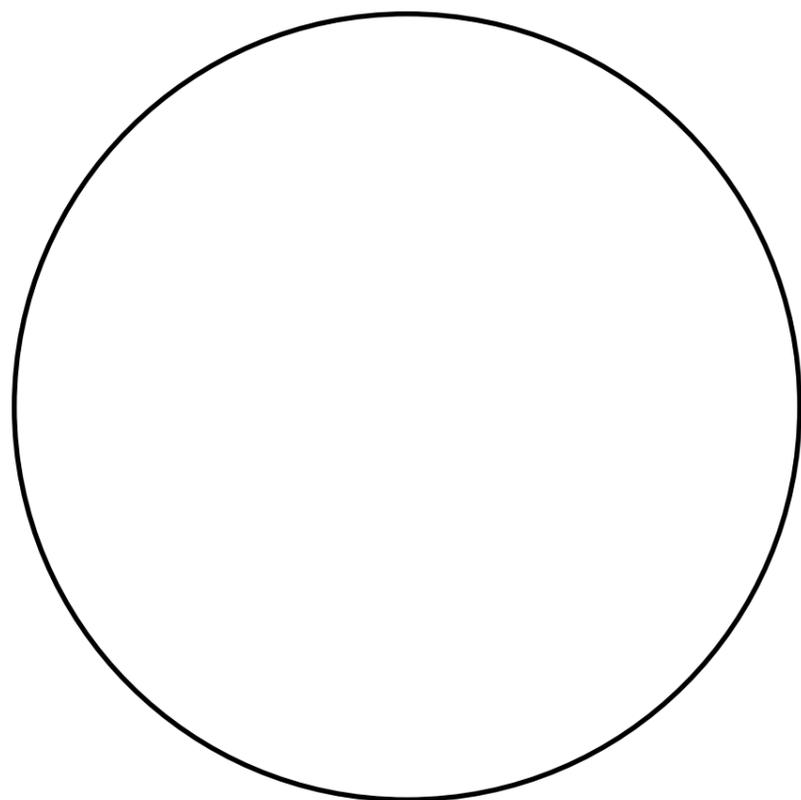
A ARQUITETURA e a natureza

A arquitetura tem se popularizado nos últimos anos. Ironicamente, entretanto, o crescimento dessa popularidade é inversamente proporcional ao aumento do sentimento de falta de poder político e desilusão cultural de muitos arquitetos em uma contribuição efetiva para o mundo.

- Pier Aureli



***Todo espaço é definido por uma fronteira.
A fronteira não é aquilo em que uma coisa termina, mas
é aquilo onde algo começa a se fazer presente***
- Christian Norberg Schulz



Seria a arquitetura uma resposta das demandas de uma cidade, ou a cidade uma construção feita pela arquitetura? Difícil responder em poucas palavras por se tratar de um tema tão complexo que envolve muitas outras esferas, inclusive a política.

É um tanto desanimador o sentimento de um recém formado arquiteto ter que conseguir seguir a profissão em meio a realidade da arquitetura brasileira. Vivemos um momento onde faltam incentivos governamentais para uma arquitetura pública de qualidade, e a população passa por uma crise financeira, tornando difícil a atuação do arquiteto nos moldes convencionais que nos foram ensinados.

O isolamento por conta da pandemia evidenciou problemas em diversas esferas da cidade, desde a falta de espaços abertos para a prática do lazer até a insalubridade de algumas residências no quesito de conforto, insolação, higiene básica, entre outros. Devemos voltar a pensar localmente em “micro soluções” para estas situações tão evidentes, e o papel de um arquiteto na reprodução delas.

Como diria Rem Koolhaas em seu ensaio Êxodos, o arquiteto também é responsável pela criação de muros, causando a segregação e a ruptura entre ambientes que por essência estariam conectados, e vivemos reproduzindo o que vemos na cidade sem refletir sobre tais soluções. O gênese da arquitetura está nas aberturas e conexões, não nos muros e fronteiras. Espaços são percebidos de maneiras complexas e devem garantir encontros, convivências e diálogos – inclusive monólogos íntimos. Cada vez mais, não podemos continuar reproduzindo as fronteiras sociais, reforçando as fronteiras culturais, e destruindo as fronteiras naturais.



A NATUREZA

e a arquitetura

*Já vi pessoas
ridicularizando: "ele
conversa com árvore,
abraça árvore, conversa
com o rio, contempla a
montanha", como se isso
fosse uma espécie de
alienação. Essa é a minha
experiência de vida. Se é
alienação, sou alienado*
- Ailton Krenak





Diante de toda mudança sistêmica já mencionada, enfatizo que tudo isso já foi discutido ao decorrer das últimas décadas, mas sabemos que o ser humano tem uma capacidade incrível em aceitar contradições. Ao observar espaços ocupados por seres humanos, como um recorte de cidade, vemos o domínio total da espécie e a prepotência humana perante outros seres vivos, enquanto em uma aldeia indígena por exemplo, já existe maior harmonia. Por que não tentar encontrar um meio termo? Atualmente temos uma produção de alimentos que supera a quantidade necessária para alimentar todas as pessoas no mundo, e mesmo assim temos um sério problema de fome mundial. A produção de alimentos vem crescendo de forma acelerada e devastando muitas áreas naturais com a monocultura, e em um processo de produção e desperdício, já não produzimos mais a comida para sobreviver, mas para gerar lucro. Se em um futuro hipotético em que a raça humana desaparece do planeta, levariam poucas décadas para que o planeta atingisse um estágio de regeneração de limpeza de rios, diminuição de aquecimento global e redução dos buracos na camada de ozônio. Por outro lado, a redução dos números de insetos já é um problema sério e afetou consideravelmente a produção de alimentos, e caso estes desaparecessem, o planeta entraria em colapso em uma questão de anos.

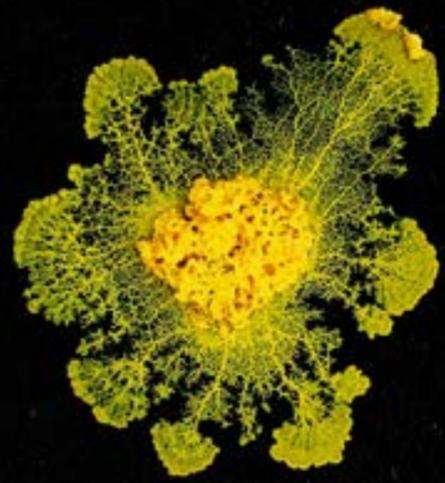
São informações assim que montam meu imaginário no momento de tomar uma decisão de onde deveríamos estar focando nossos esforços e qual pode ser o papel do arquiteto nesta mudança.

Há diversas espécies de animais que se adaptaram naturalmente à insalubridade da vida urbana. Algumas pesquisas apontam que uma grande metrópole como São Paulo pode possuir de 10 à 15 ratos por habitante.

**OUÇO O QUE A NATUREZA
REZA
PENSO QUE O TEMPO
TRANSFORMA
FORMA DE NOS
CONECTAR COM O QUE
BRILHA
ILHA, QUE A GORA
CHAMAMOS DE CASA.**

- 5 a seco





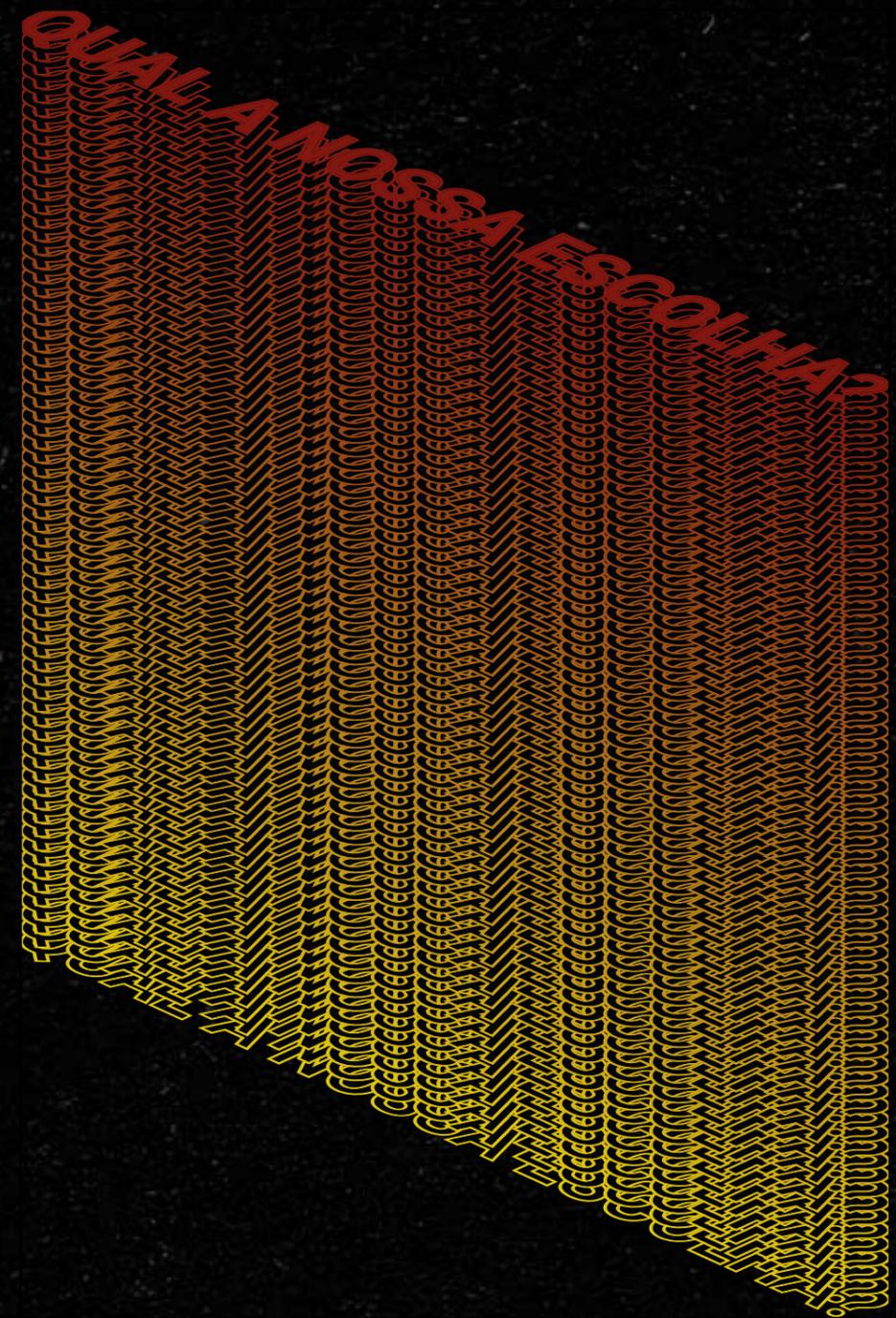
Me pergunto porque então será tão difícil para o ser humano, até então vista como a espécie mais resiliente do planeta, mudar hábitos e se readaptar a um novo sistema mais sustentável?

Este mapa do Brasil tem as rodovias do país destacadas em laranja, e é interessante ver que com ele é possível localizar os pontos de maior densidade, as maiores conexões, o eixo Rio-São Paulo, e o grande “vazio” criado pela floresta Amazônica.

Ao observá-lo percebi que se assemelha muito com o sistema de circulação sanguínea de nossos corpos, onde temos os órgãos vitais, com maiores densidades de veias, pontos de maior fluxo sanguíneo, e áreas onde não necessitamos tantos vasos para operá-las propriamente. Todos os pontos são irrigados pelo sangue, que possui o oxigênio e nutrientes necessários para cada parte específica do corpo, em um funcionamento orgânico e preciso.

Por outro lado, uma foto de uma colônia de fungos também tem aspectos muito semelhantes com a mesma imagem, um forte núcleo de origem da colônia e pontos focais de maior concentração aonde o sistema encontrou maior material para absorção de nutrientes. Porém neste caso, a expansão é contínua e sempre em busca de maior área para manter o organismo vivo e parasitar um hospedeiro.

Penso que a principal diferença entre as imagens é que em nosso processo de ocupação, somos seres com conhecimento e a capacidade de escolher.



O AMANHÃ

*Agora não se trata só de
'mudar o mundo', mas
de que o mundo muda,
gostemos ou não, e que
é preciso entender as
dinâmicas dessa mudança.*

*- Josep Maria Montaner e
Zaida Muxí*



Quando estruturas sociais e padrões de comportamento se tornam rígidos em uma sociedade, esta começa a perder a capacidade de flexibilidade e se torna incapaz de adaptar-se a situações que exigem mudanças, e, com o tempo, entrando em colapso. É possível observar esse padrão em diversas civilizações que já existiram no planeta, o que se torna um aspecto quase que característico na história da humanidade.

A partir dessa reflexão, proponho com esse trabalho que pensemos o amanhã de uma forma que incorpore a imprevisibilidade do futuro, podendo acompanhar as mudanças de forma flexível. A separação rígida, por exemplo, entre o urbano e o rural caracteriza a ocupação das cidades desde o início da era moderna. Essa divisão é clara e centenária, porém gera diversos problemas no funcionamento das cidades pela distância entre a produção e o consumo, o que acarreta em aumento dos gastos, do desperdício e, inclusive, na alienação do consumidor em relação à origem dos produtos.

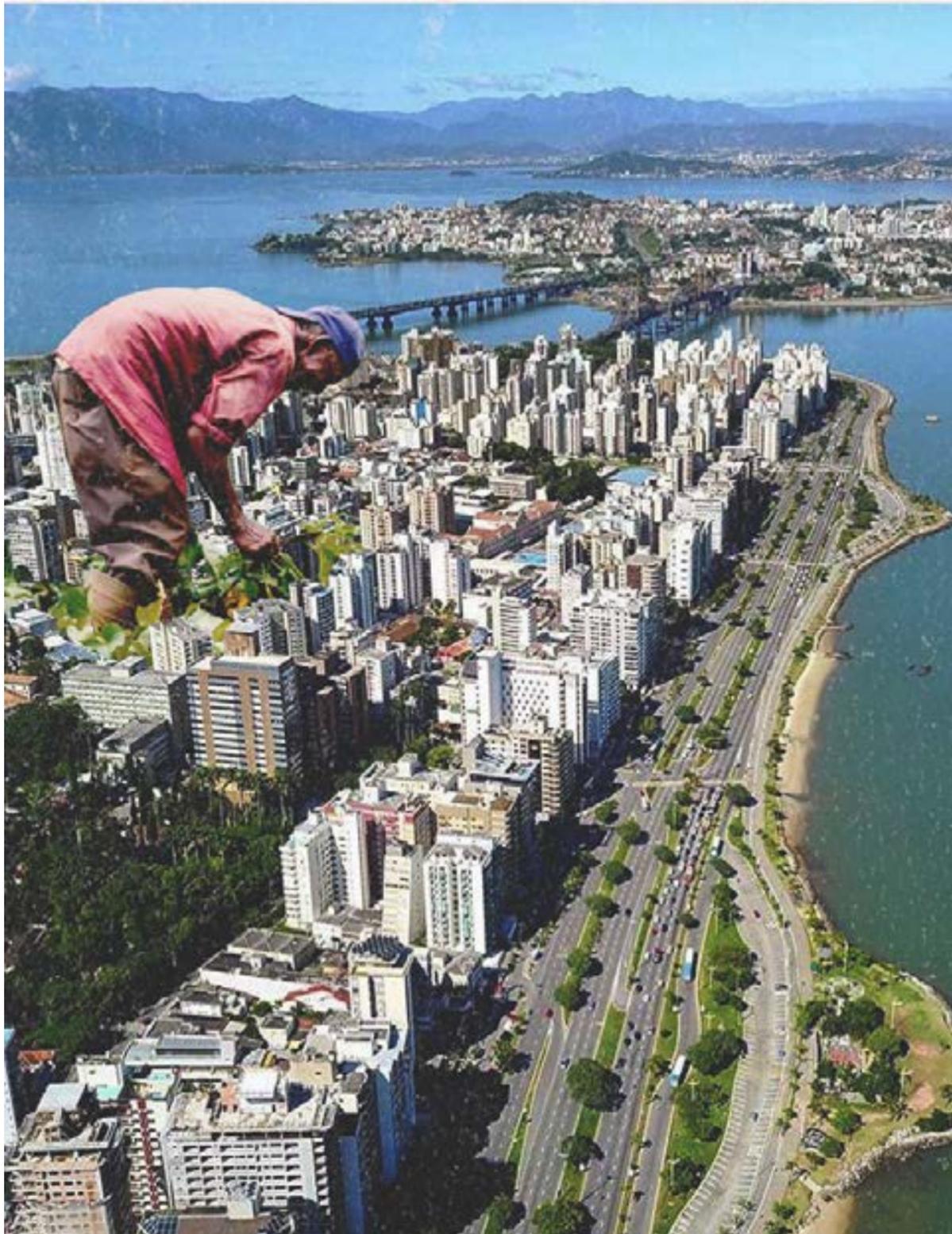
Devido a diversas políticas do século passado, foi criada uma



cidade modelo segmentada, com núcleos distantes e setorizados, fazendo com que boa parte das cidades se voltassem ao transporte individual motorizado como prioridade, o que acabou por transformar as cidades em pampas de concreto impermeáveis para vias e estacionamento desses veículos.

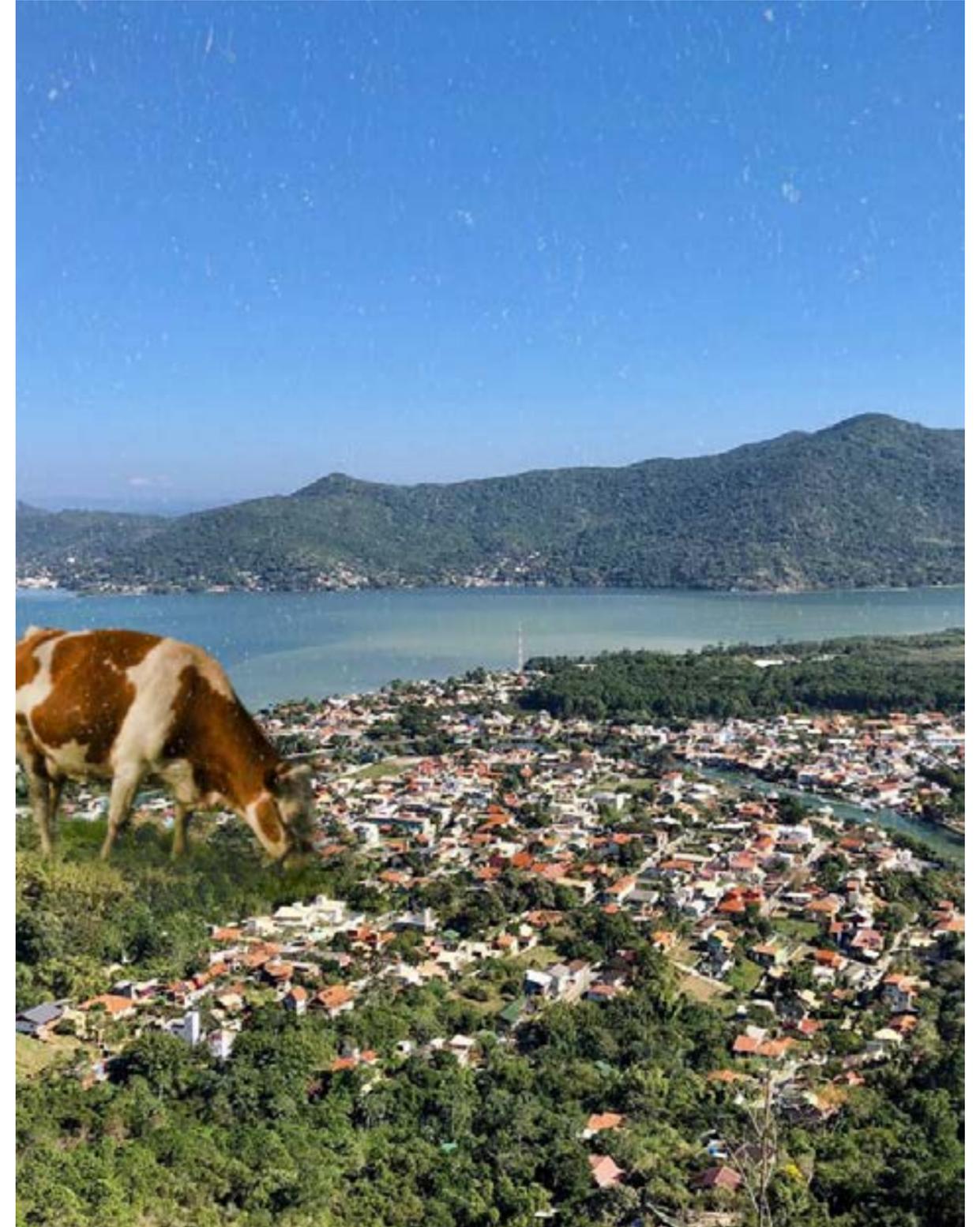
Ainda é clara essa segmentação ao ver planos diretores das cidades brasileiras, muitas vezes criando manchas, zonas e áreas pela cidade que acabam por guiar todo o desenvolvimento de uma região. Tais segmentações generalizam as diversas dinâmicas próprias de cada bairro, trazendo assim soluções muito amplas que não necessariamente refletem as reais necessidades dos moradores, ou deixam de incentivar os principais aspectos de uma região. É necessária uma ampla discussão sobre esses planos de desenvolvimento das cidades e suas áreas específicas e como potencializar o uso de cada uma delas.

Há também poucas diferenciações entre tipos de áreas verdes, caindo em uma simplificação de áreas florestais com o intuito de se tornem ambientes intocáveis de



proteção permanente, muitas vezes desconsiderando as especificidades de biomas nativos, ou ignorando uma área de reflorestamento de árvores exóticas nocivas. Assim como sabemos que uma rua com circulação se torna mais segura que um beco, uma floresta cercada pode atrair mais irregularidades do que uma área de manejo florestal atencioso, e que se possa até tirar frutos dessa mesma floresta.

Acabamos projetando as cidades a base de restrições para evitar o abuso do espaço e a especulação por pessoas de más índoles, mas com isso também restringimos um outro possível desenvolvimento que possa fugir do viés “normal” que nos é imposto atualmente.



O mundo do século 21 está em constante movimento e vem criando mudanças em uma frequência jamais vista na história da humanidade. Os planos e projetos devem ser flexíveis e levar em consideração essas dinâmicas para que consigam se amparar à elas.

O LUGAR

“Um pedacinho de terra
perdido no mar”
- Zinho



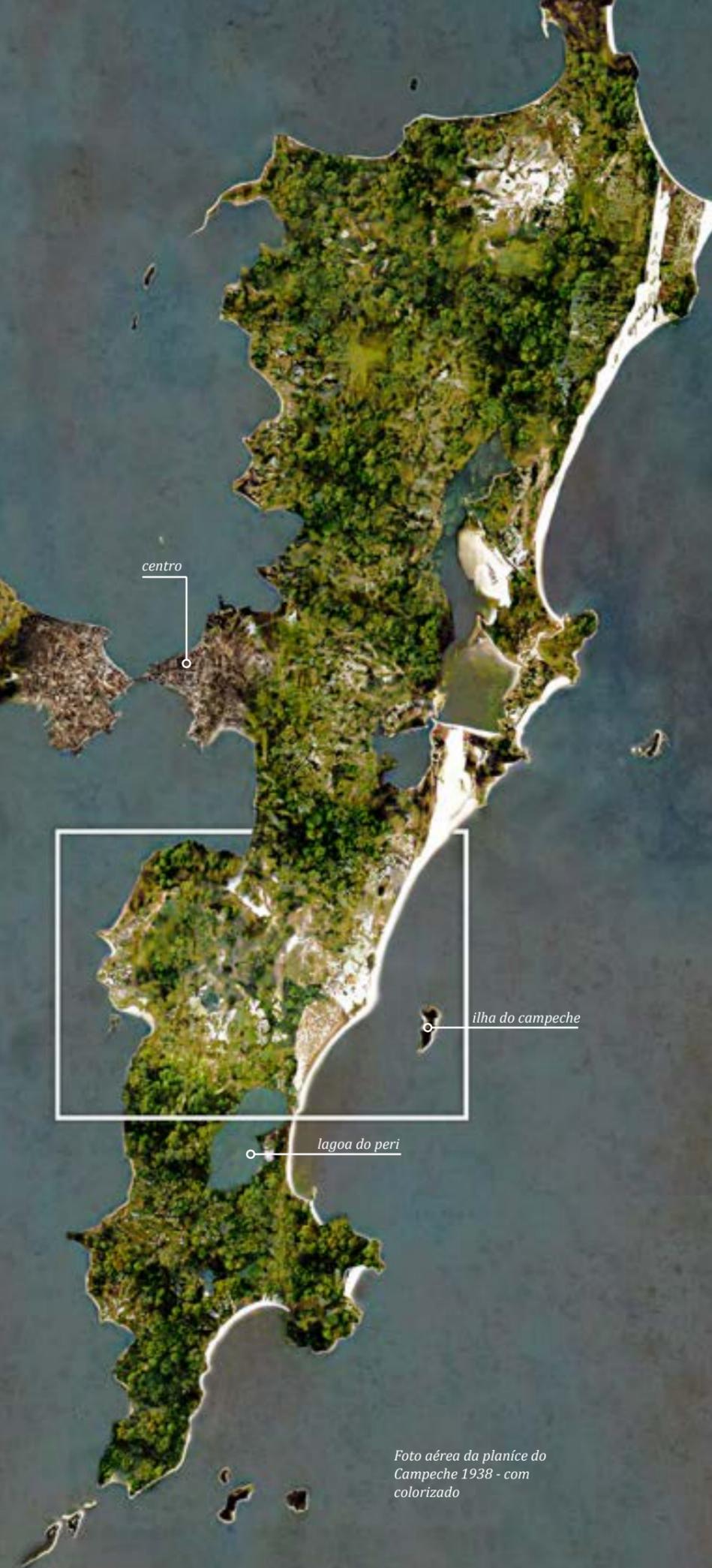


Foto aérea da planície do Campeche 1938 - com colorização

Em uma breve história de Florianópolis, no início de seu povoamento a ilha se voltou à uma produção agrícola e pesqueira, porém o uso do solo na região foi se transformando, à medida que a conjuntura política e econômica na cidade e no Brasil foram se modificando. Houve quem se aproveitasse da desarticulação entre a porção urbana e a rural na ilha promovendo uma inicial aglutinação dos lotes agrícolas através do acúmulo de propriedades, muito por condições políticas e sociais.

Com um foco específico na porção sul da ilha, o espaço de planície que se abre entre o Maciço do Morro da Costeira, e o Maciço do Ribeirão da ilha, tornou a região muito visada para o cultivo, principalmente de café. Diversos outros alimentos também eram comuns na região, como mandioca, cana de açúcar e bambu. Junto à planície esta a bacia do Ribeirão da Ilha, que com o amparo da ilha dona Francisca criou o ambiente perfeito para a pesca e fazendas de berbigão, gerando assim uma forte comunidade pesqueira que veio a dar identidade cultural à região.

Com o passar dos anos a ilha foi perdendo seu caráter agrícola e ganhando destaque nacional pelo turismo, chegando a ser eleita a melhor cidade para se morar no Brasil. Foi então na virada do século que a cidade inicia um processo intenso de densificação descontrolada, sendo guiada por interesses financeiros fugindo de um planejamento mais adequado e condizente com a realidade e interesses da população.

Hoje em uma vista aérea, é possível observar uma ilha ainda pouco ocupada, porém possui a maior parte do seu território como topo de morro e áreas de

preservação. O espaço destinado para o crescimento da cidade se deu entre os diversos ambientes naturais da ilha (morros, lagoas, dunas e mangues) e assim acarretando em uma descontinuidade da malha viária. Esta falta de conexões criou bairros desconexos e um mapa fragmentado, pautado em desmembramento de glebas e criação de vias espinhas de peixe.

É notória a necessidade de um automóvel para poder transitar na cidade, pois a escassez de transporte público coletivo, unida à falta de integração entre modais, enfatiza ainda mais o isolamento entre os bairros, e por consequência, a cidade conta com uma das piores mobilidades urbanas do mundo.

Apesar de uma taxa de crescimento ainda muito alta (com uma população que dobrou nos últimos 10 anos) a porção sul da ilha vem tendo uma expansão mais tardia em relação ao norte. Por conta disto é possível observar grandes áreas de vegetação na região e em comparação com imagens do século passado, percebe-se que a expansão se deu mais ao litoral leste próximo às praias.

Contudo em uma observação mais minuciosa, percebe-se que a expansão litorânea se deu sobre uma área de restinga, e toda a área de florestas existentes já é um processo de reflorestamento, tendo a unidade de conservação da Lagoa do Peri uma das poucas, se não única, porção de floresta originária da ilha. Dentre essa grande mancha de APP's, na planície do Campeche é possível encontrar além de restinga, áreas de manguezal, mata Atlânticas, uma grande porção de áreas desmatadas para pecuárias e florestas de



Foto aérea da planície do Campeche 1938 - com colorização nas massas de vegetação



Foto aérea da planície do Campeche 1957 - com colorização nas massas de vegetação



Foto aérea da planície do Campeche 1977 - com colorização nas massas de vegetação



Foto aérea da planície do Campeche 1994 - com colorização nas massas de vegetação

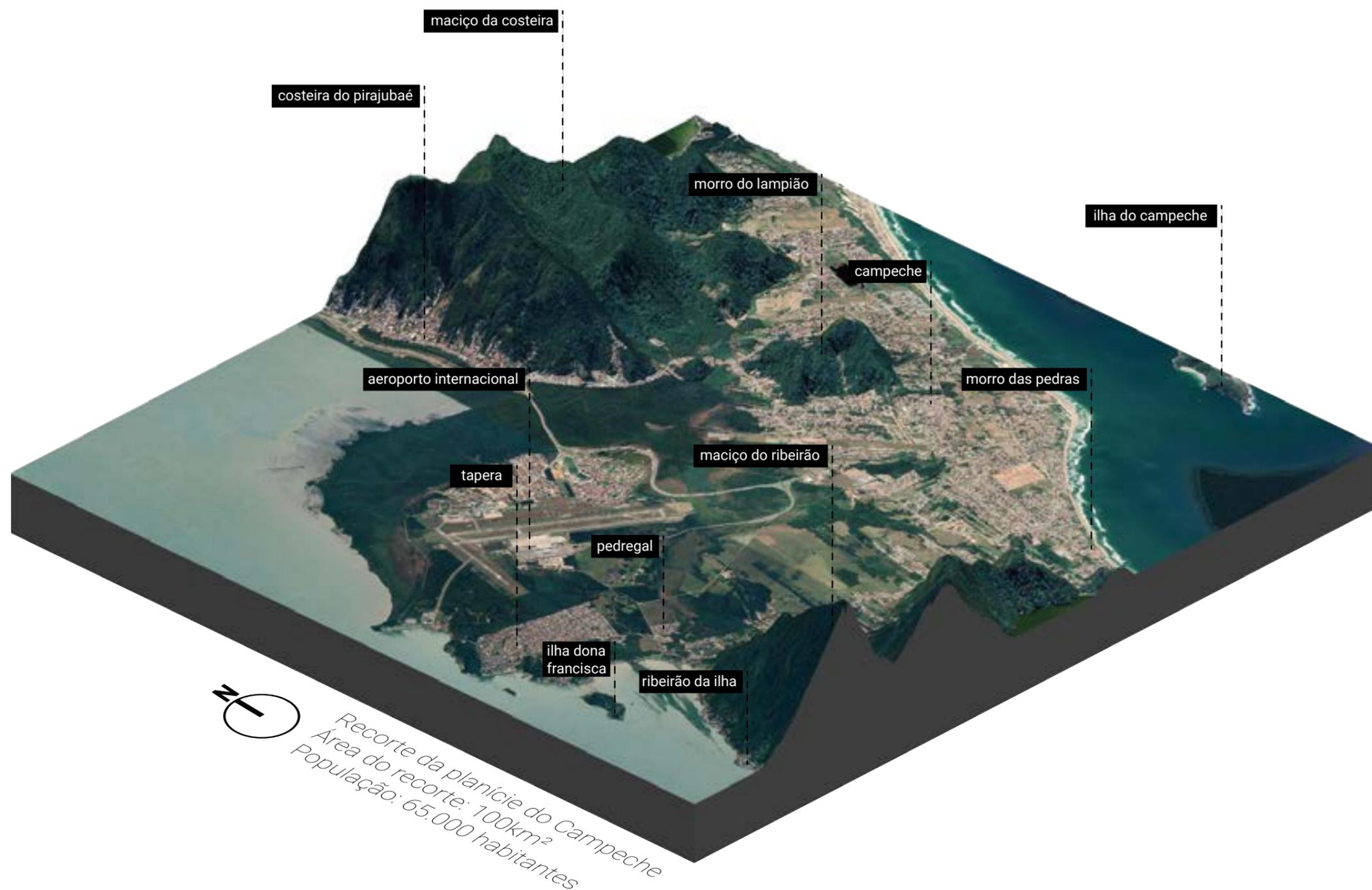
pinus e eucaliptos. Estas últimas sendo espécies exóticas que ameaçam os biomas da região.

Mesmo a região tendo uma quantidade enorme de vegetação ao seu dispor, ela acaba muitas vezes não sendo refletida na vida dos moradores da região, que podem acabar tendo estas áreas de preservação mais como paisagem do que como uma qualidade efetiva na vida cotidiana.

Segundo o último levantamento oficial do IBGE em 2010 a região possuía um pouco mais de 54.000 habitantes, mas hoje já é estimado uma população que ultrapassa os 70 mil habitantes, tendo previsão de atingir próximo de 100.000 até 2030. A região vem se densificando, porém ainda é conformada principalmente por zonas residenciais, gerando assim pequenos núcleos que vem tendo dificuldades de suportar o transporte pendular dos moradores, causando longos engarrafamentos.

Com a construção do novo aeroporto da cidade, houve a tentativa de melhoria de tráfegos por conta do aumento das vias de fluxo rápido na região, mas (apesar de pouco testado devido à pandemia) penso que o problema foi somente adiado, ainda restando grandes distâncias com trajetos vazios, incentivando ainda mais o uso de carros individuais.

Em um maior enfoque na região da Tapera, nota-se que se trata do bairro mais densificados da região, e junto ao Alto Ribeirão e Pedegral um dos mais populosos da ilha. O aglomerado de bairros possui uma dinâmica própria devido as diferentes paisagens, dando ao local uma peculiaridade que foge à generalização do plano da cidade.





separação de zona de interesse social e área de preservação permanente
áreas isoladas e claramente delimitadas
a dicotomia



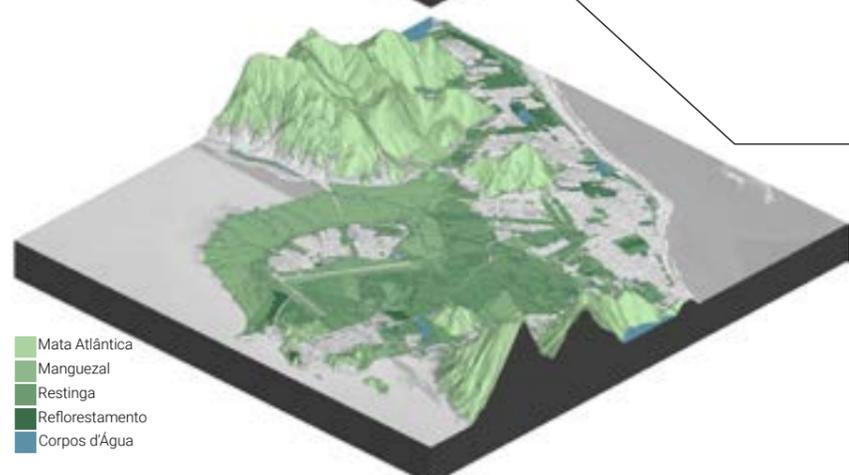
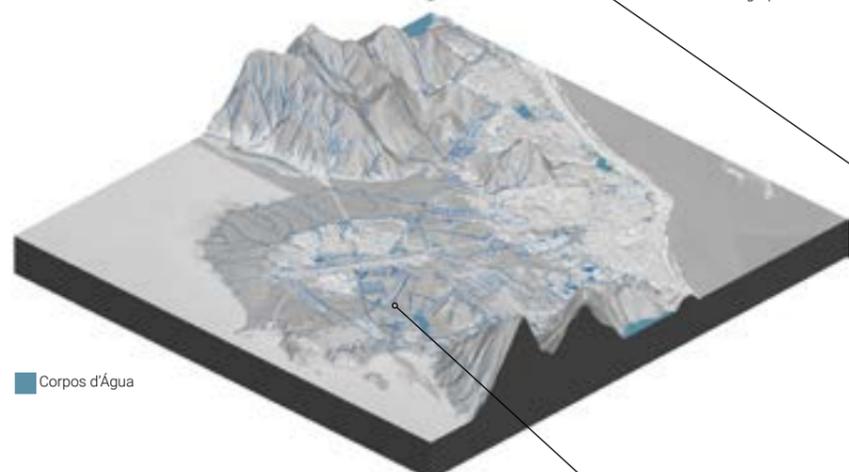
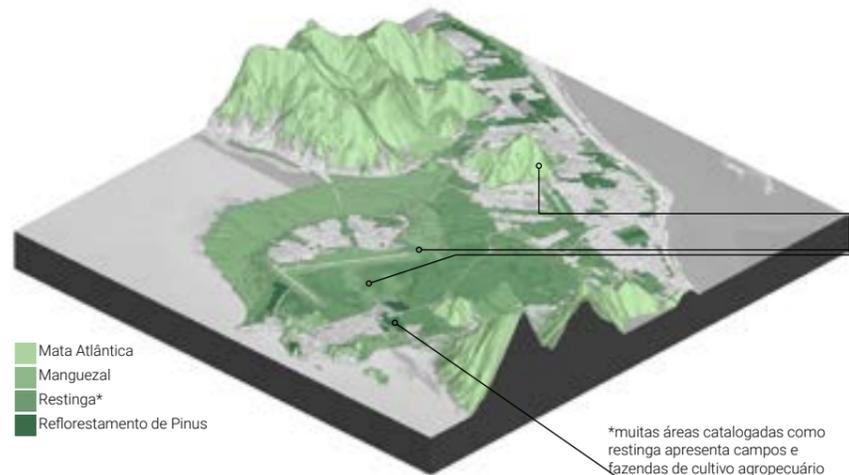
uso do mar para pesca e aquicultura
a apropriação do mar



via principal do bairro do alto ribeirão
(des)conexão entre áreas verdes e
expansão residencial com o
curso d'água como
segundo plano



manguezal e a avanço das água no bairro
APP sendo invadida e APL vazia
um gramado cercado
uma mangue viva



Pelas imagens é possível notar a grande quantidade de áreas de vegetação na região e a relação desta com as diferentes áreas residenciais. Existem ainda uma grande porção de biomas nativos a **mata atlântica** próximo aos morros e **restinga, mangues** mais próximos ao mar e cursos d'água, porém estes são os que mais vem sofrendo com o avanço irregular das habitações, uma vez que se localizam mais aos fundos das zonas residenciais, o que dificulta muito a fiscalização. Áreas mais próximas das vias se tornam majoritariamente glebas dos remanescentes campos agropecuários e alguns focos de **reflorestamento com pinus** que acabaram por se expandirem e tomaram conta de quarteirões substituindo a mata nativa. A região apresenta baixas variações de curvas de nível, contando com somente duas áreas de maior altimetria, o morro do peralta e morro da tapera. Juntamente com as grandes áreas de manguezal, a planície conta com uma extensa rede de **cursos d'água** e o aquífero do Campeche proveniente de nascentes dos morros que a rodeiam e abastece parte da região sul da ilha. As baixas altitudes também causam grandes extensões de áreas alagáveis decorrente das variações de marés, alterando muito a vazão de rios entre as cheias e as secas destes.

A planície do Campeche apresenta claros focos de densificação conformado por uma maioria de zonas residenciais. Somente na última década que vemos um crescimento maior em outros pontos da planície e um incentivo maior em áreas comerciais com a tentativa de descentralizar os principais eixos comerciais como a Avenida Pequeno príncipe.

Dando destaque a Tapera, o bairro apresenta uma densidade significativa para a região com estimados 13.000 habitantes em

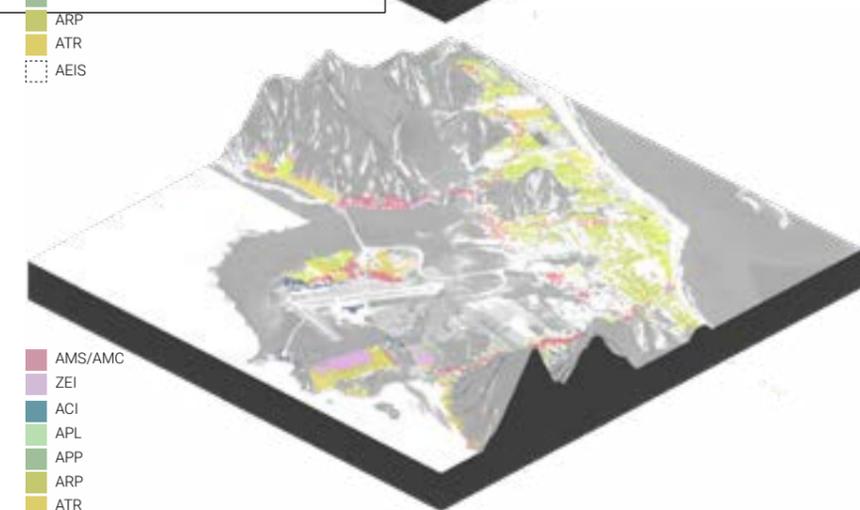
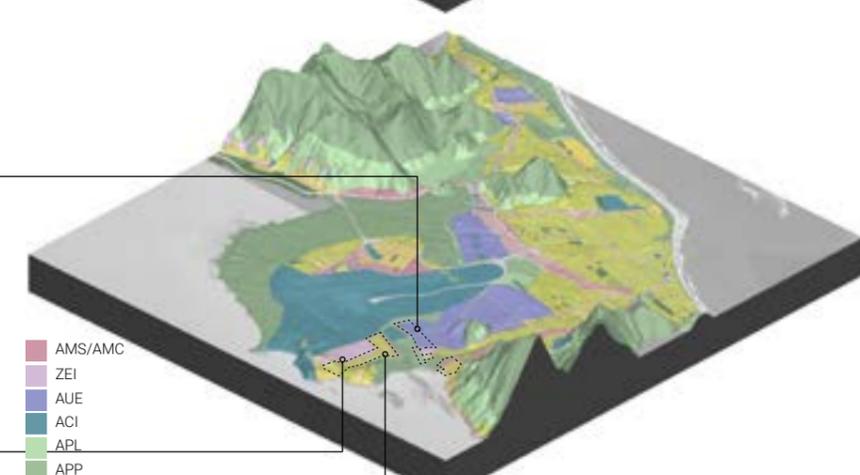
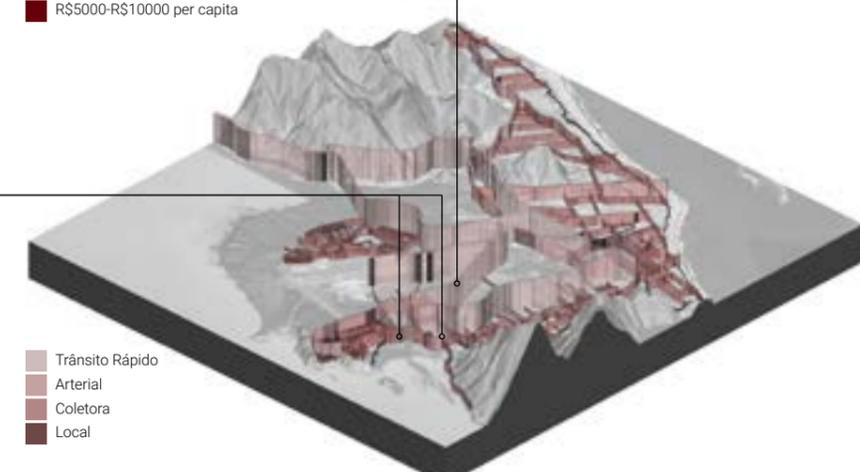
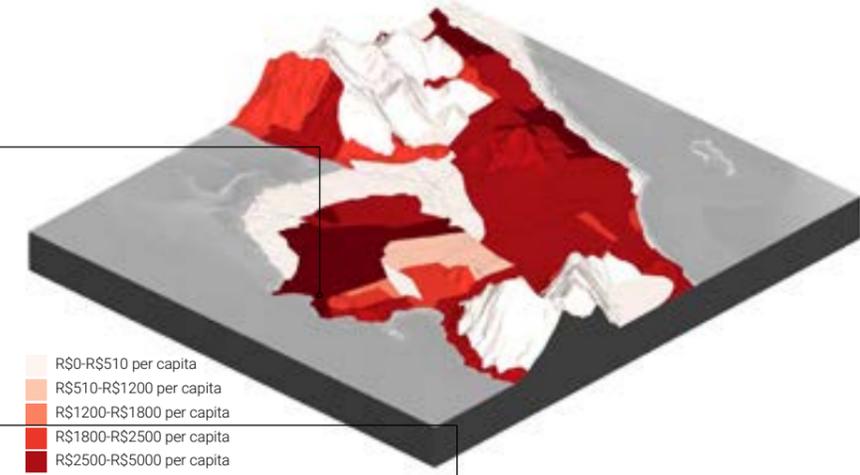
*muitas áreas catalogadas como restinga apresenta campos e fazendas de cultivo agropecuário

*dados censo 2010

2020, porém possuindo uma das mais baixas renda per capita do seu entorno. A zona que vinha sendo isolada e espremida entre APP's e a **base aérea da Tapera**, vem atualmente sendo palco de obras sociais e educacionais, juntamente com melhorias de acesso por conta do novo aeroporto da cidade. Com o novo acesso do aeroporto, a Tapera também foi contemplada com uma reforma no sistema de acesso pela **via de trânsito rápido**, entretanto, ao adentrar as vias arteriais e locais, percebe-se que ainda há muita precariedade. O aumento do fluxo oriundo da realocação do aeroporto não foi muito bem planejado tornando alguns **nós viário** mais movimentados e possivelmente problemáticos em um futuro próximo com o intenso desenvolvimento da região.

Segundo o plano diretor uma boa parte da planície ainda será destinada à zonas residenciais, mas com a previsão de zonas mistas para conseguir introduzir o comércio e melhor distribuir serviços pela região. Uma grande área de urbanização especial (**AUE** como chamada no plano diretor) é notada próximo ao aeroporto aonde hoje estão fazendas e pastos subutilizados. Esta área tem a intenção de preservação ambiental e alia-se ao desenvolvimento e a criação de novas centralidades, unidas às áreas de **ZEIS** (zona especial de interesse social) e **AEIS** (área especiais de interesse social) que a rodeiam, torna-se possível um plano de transformação dos bairros dando um melhor uso ao solo, e desenvolvendo o caráter cultural e ecológico da região.

Essa diversidade de aspectos torna a área estudada extremamente interessante por apresentar expressiva pluralidade de dinâmicas e relações entre público e privado; ambiente construído e natureza; moradores e seu entorno.





Recorte 1 : Rua dos Pinheiros - Tapera



Recorte 2 : Rua José Olímpio da Silva - Pedregal





Recorte 4 :Serviçãõ Ismael João da Silva - Tapera



Recorte 5 :Servidão Waldemar Joaquim da Silva Filho - Alto Ribeirão



Recorte 6 :Rodovia Açoriana - Tapera



A vizinhança possui um grande senso de comunidade, e já vem contando com a implementação de obras e espaços públicos para seu desenvolvimento, como por exemplo a escola do futuro e o mais novo trecho de parque linear na praia da Tapera. Apesar de todos esforços, ainda há um sério problema com a questão ambiental, indicado inclusive no plano participativo da região,

que pede melhor fiscalização das regiões de restingas e manguezais que vem sendo alvo de construções irregulares e saídas de esgotos clandestinas. A área, delimitada para a construção regular, vem sendo ocupada rapidamente e possui um limite de 2 pavimentos, o que gera uma necessidade de maior

área e rede de infraestrutura para abastecer todas as residências. Isso acaba acontecendo nos pequenos espaços restantes entre áreas de preservação consolidadas e cercadas.

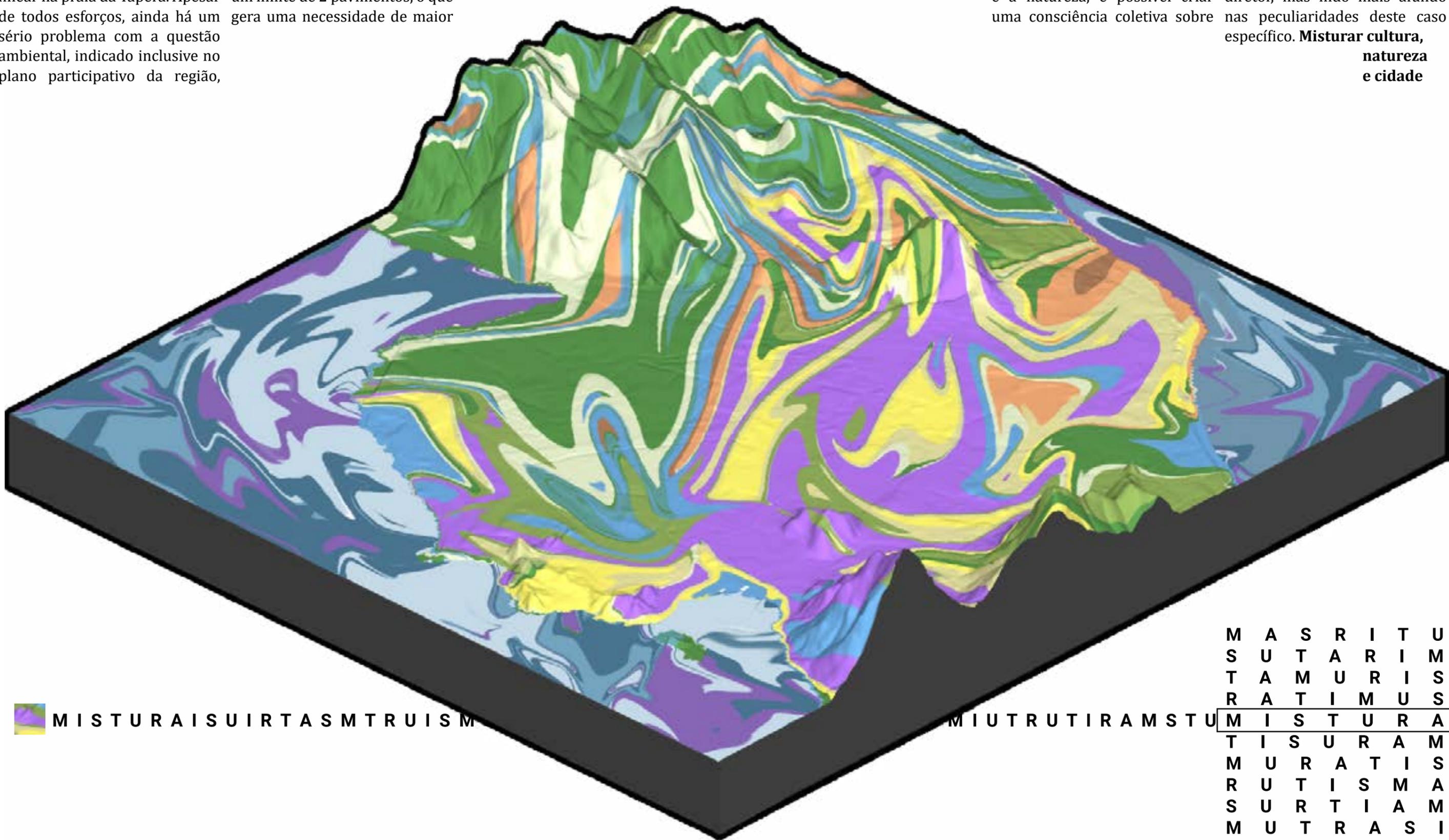
Tendo tudo isso em vista, me proponho a pensar em uma

alternativa onde possamos realizar uma mistura entre áreas verdes e construídas, criando pontos de densificação com habitação e um programa voltado a comunidade da região. Em contrapartida gerando percursos e usos pela extensão

de manguezais, restingas e áreas descampadas para não só auxiliar o processo de fiscalização, também utilizar melhor o solo podendo criar possibilidades de cultivo à agricultura familiar. Realizando uma mistura entre o ambiente construído e a natureza, é possível criar uma consciência coletiva sobre

o potencial desta união e uma maneira diferente de ocupar o espaço. Criar os "olhos da floresta" (assim como os olhos da rua) e fortalecer os aspectos sociais e culturais já presentes na comunidade, usando como base as divisões feitas no plano diretor, mas indo mais a fundo nas peculiaridades deste caso específico.

Misturar cultura, natureza e cidade



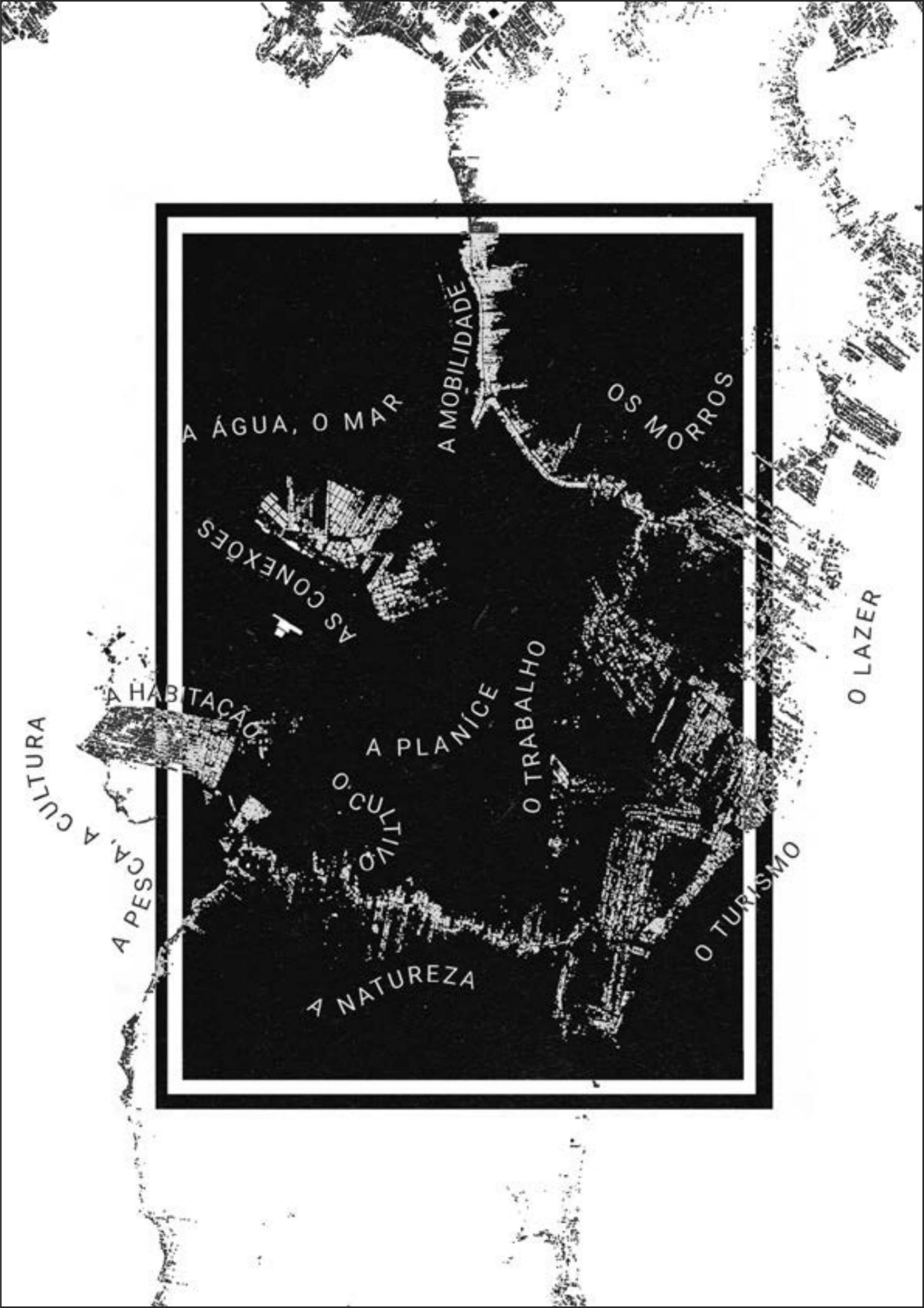
MISTURA ISUIRTASMTRUISM

MIUTRUTIRAMSTU

M	A	S	R	I	T	U
S	U	T	A	R	I	M
T	A	M	U	R	I	S
R	A	T	I	M	U	S
M	I	S	T	U	R	A
T	I	S	U	R	A	M
M	U	R	A	T	I	S
R	U	T	I	S	M	A
S	U	R	T	I	A	M
M	U	T	R	A	S	I

A INTENÇÃO

Viver não se resume a estar vivo, mas sim poder ter direito a lazer, habitação, saúde, trabalho, mobilidade, alimento e segurança. É sobre ter direito à cidade.



- ¹ ter vida; existir
- ² ter prazer e alegria; gozar a vida
- ³ residir um lugar; habitar; morar
- ⁴ ter como alimento; nutrir-se
- ⁵ sustentar-se; manter-se
- ⁶ ter convivência com; partilhar
- ⁷ ir além do momento presente
- ⁸ perdurar
- ⁹ ato de viver a vida



Em estudos de casos sobre o assunto, esbarrei no termo UVA (unidade de vida articulada), criado pelo escritório de arquitetura EDU da Colômbia, que se resume em transformações urbanas em bairros destinadas ao encontro entre cidadãos, ao fomento do esporte, à recreação, à cultura e à participação comunitária sob os seguintes preceitos: Articular programas, projetos e cidade; Reciclagem de espaços existentes em desuso; Luz para recuperação de referências urbanas; Espaços para aproveitar os cinco sentidos. Em outras palavras, é criar um espaço próprio para viver.

Esse conceito esclarece todas as diretrizes às quais venho me direcionando desde o início deste trabalho, e de forma mais prática se encaixa na área estudada uma vez que ela apresenta diversos espaços ociosos, que um dia foram utilizados para o plantio e a alimentação da região, mas hoje estão subutilizados.

Como já dito, a cultura da região se baseia muito na produção de alimentos, tanto da plantação quanto animal, e pesqueira. Então além dos pilares já levantados pela UVA, penso que a região também deve incluir esta produção como uma forma de cultura regional.

Em um decreto aprovado em julho de 2020 é anunciado um programa de agricultura urbana (programa Cultiva Floripa) para promover práticas agroecológicas, agro extrativismo e outras práticas sustentáveis, considerando o uso de recursos do estatuto da cidade como ferramenta para essas aplicações. São políticas públicas como essas que mostram a possibilidade de implementações de ideias sustentáveis em sua essência, é possível produzir alimentos e regenerar ecossistemas sem separar a conservação da produção agrícola, como em agroflorestas.

A
AG
AGR
AGRO
AGROF
AGROFL
AGROFLO
AGROFLOR
AGROFLORE
AGROFLORES
AGROFLOREST
AGROFLORESTA
AG O R A
RESTA
A FLORESTA
E
ESTA
F RESTA

ETIM latim culturae "cultivar as plantas" ou "cultivar e desenvolver atividades agrícolas".



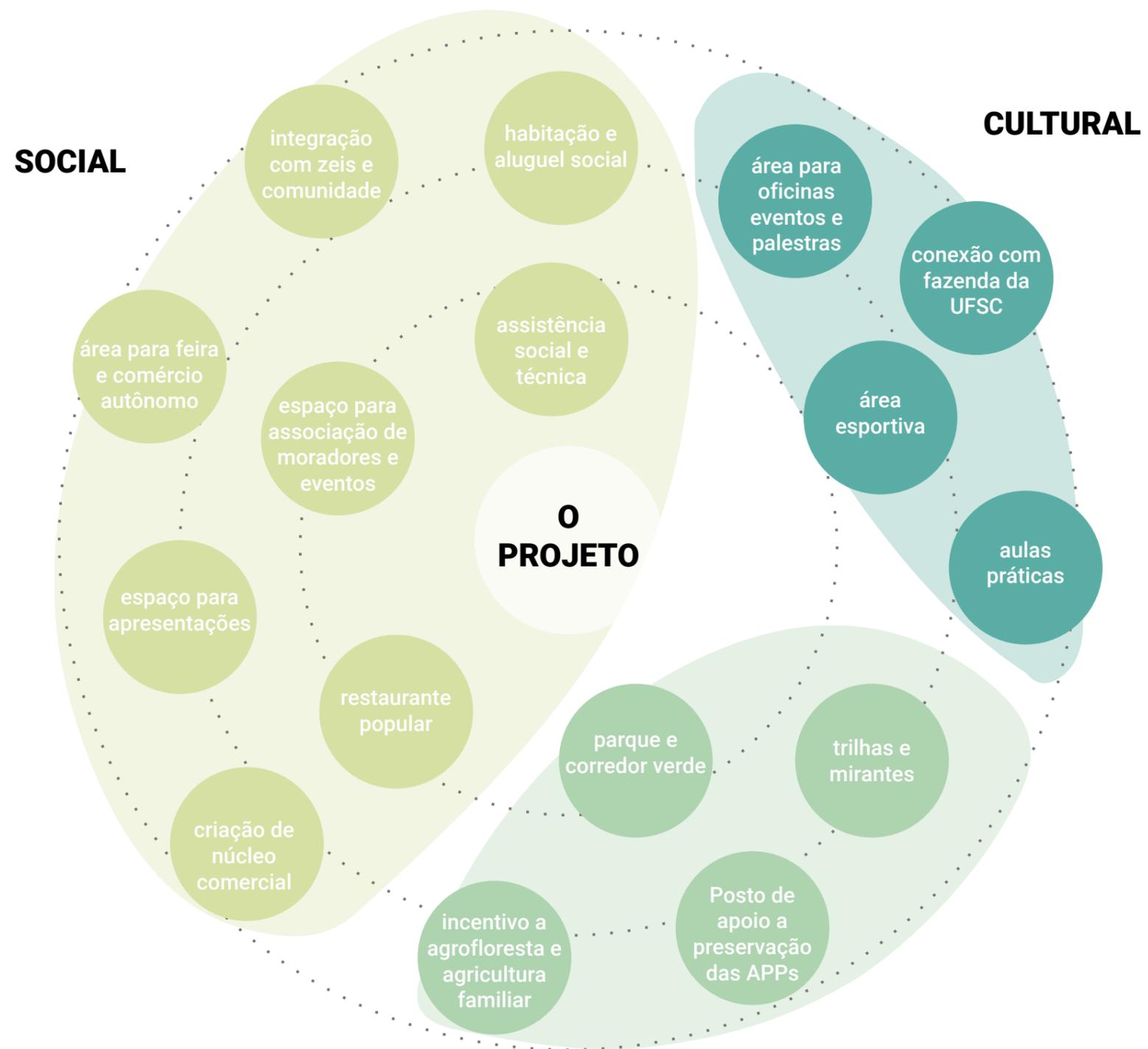
25
20
15
10
5
0

Felicidade
Tráfego
Alimentação Orgânica
Trabalho
Economia
Emissão de CO2

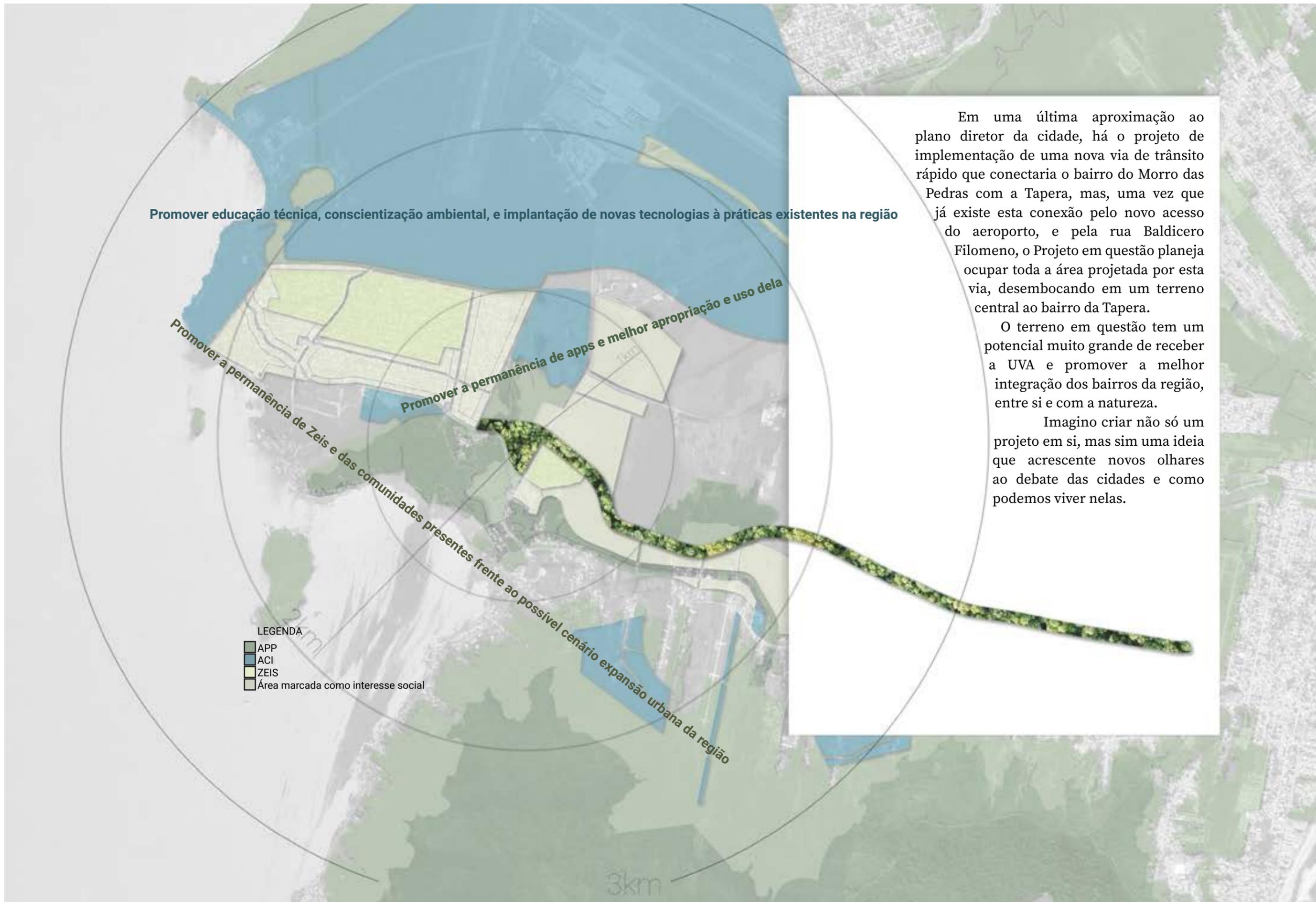


A ideia em questão seria desenvolver uma série de equipamentos sociais que seguissem as premissas de uma UVA, mas que pudesse também se integrar com o ambiente construído e a cultura da região da Tapera.

Para além do projeto faço um constante exercício utópico para o futuro da região, imaginando a integração de modais entre transporte coletivo terrestre, transporte hidroviário e transporte aéreo (aeroporto); implantação de energias renováveis; plantações e cultivo agroecológico em expansível à outras regiões, imaginando este mini mundo a ser construído.



Em resumo faço o lançamento das principais ideias do projeto, e um programa de necessidades amplo e diverso que atenda as principais necessidades observadas na área em questão.



Promover educação técnica, conscientização ambiental, e implantação de novas tecnologias à práticas existentes na região

Promover a permanência de apps e melhor apropriação e uso dela

Promover a permanência de Zeis e das comunidades presentes frente ao possível cenário expansão urbana da região

- LEGENDA
- APP
 - ACI
 - ZEIS
 - Área marcada como interesse social

Em uma última aproximação ao plano diretor da cidade, há o projeto de implementação de uma nova via de trânsito rápido que conectaria o bairro do Morro das Pedras com a Tapera, mas, uma vez que já existe esta conexão pelo novo acesso do aeroporto, e pela rua Baldicero Filomeno, o Projeto em questão planeja ocupar toda a área projetada por esta via, desembocando em um terreno central ao bairro da Tapera.

O terreno em questão tem um potencial muito grande de receber a UVA e promover a melhor integração dos bairros da região, entre si e com a natureza.

Imagino criar não só um projeto em si, mas sim uma ideia que acrescente novos olhares ao debate das cidades e como podemos viver nelas.

- Attenborough, David. 2020. **Nosso Planeta**. 2020.
- Aureli, Pier Vittorio. 2001. **The possibility of an Absolute Architecture**. Massachusetts : s.n., 2001.
- Bauman, Zugmunt. 2009. **Vida Líquida**. Rio de Janeiro : Zahar, 2009.
- Capra, Fritjof. 1989. **Ponto de Mutação**. São Paulo : Cultrix, 1989.
- Freire, Paulo. 2004. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo : Paz e Terra, 2004.
- Habitação, Ética e Projeto**. Delijaicov, Alexandre. 2014. 2014, Revista Contraste FAUUSP.
- Harvey, David. 2004. **Espaços de Esperança**. São Paulo : Loyola, 2004.
- Koolhaas, Rem e Mau, Bruce. 1995. **S, M, L, XL**. Nova York : s.n., 1995.
- Koolhaas, Rem. 2008. **Nova York delirante: um manifesto retroativo para manhattan**. São paulo : cosac & Naif, 2008.
- Krenak, Ailton. 2019. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo : Companhia das Letras, 2019.
- Montaner, Josep Maria e Muxi, Zaida. 2014. **Arquitetura e Política**. São Paulo : Gustavo Gili, 2014.
- Nesbitt, Kate. 2006. **Uma nova agenda para a arquitetura: Antologia teórica (1965-1995)**. São Paulo : Cosac Naify, 2006.
- Sykes, Krista A. 2013. **O Campo Ampliado da Arquitetura: Antologia teórica 1993-2009**. São Paulo : Cosac Naify, 2013.